

Coleção

O MUNDO DA BÍBLIA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Catenassi, Fabrizio Zandonadi

História do povo de Deus : das montanhas de Canaã aos caminhos da Galileia / Fabrizio Zandonadi Catenassi, Luiz Alexandre Solano Rossi. - São Paulo : Paulus, 2026.

(Coleção O mundo da Bíblia)

ISBN 978-85-349-6557-6

1. Bíblia – Estudo e ensino I. Título II. Rossi, Luiz Alexandre Solano III. Série

26-2713

CDD 220.07

Índice para catálogo sistemático:

1. Bíblia – Estudo e ensino

Coleção O MUNDO DA BÍBLIA

- 1. *Bíblia: comunicação de Deus em linguagem humana*
- 2. *Os profetas: vocação para a liberdade e solidariedade*
- 3. *Sapienciais: sabedoria a favor da libertação*
- 4. *Paulo: agente de pastoral e semeador de comunidades*
- 5. *Os Evangelhos: testemunhos de conversão e de transformação*
- 6. *Jesus: sua vida e seu projeto*
- 7. *Apocalipse: a força da resistência dos pobres*
- 8. *Êxodo: um projeto de liberdade nascido no coração de Deus*
- 9. *História do povo de Deus: das montanhas de Canaã aos caminhos da Galileia*
- 10. *Métodos de leitura da Bíblia*

Luiz Alexandre Solano Rossi
Fabrizio Zandonadi Catenassi

História do povo de Deus

Das montanhas de Canaã
aos caminhos da Galileia



Todos os direitos reservados pela Paulus Editora. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

Direção editorial

Pe. Jakson Ferreira de Alencar

Gerência editorial

Elisa Zuigeber

Coordenação editorial

Paulo Bazaglia

Revisão

Tiago José Risi Leme, Carlos Antônio Maia,
André Odashima, Luiz Henrique Ribeiro Lima

Design

Victoria Cristina Eduardo

Ilustrações e imagem de capa

Luís Henrique Alves Pinto

Impressão e acabamento

PAULUS

1ª edição, 2026



Conheça o catálogo PAULUS
acessando: paulus.com.br/loja,
ou pelo QR Code.
Televendas: (11) 3789-4000 /
0800 016 40 11

© PAULUS - 2026

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091
São Paulo (Brasil)
Tel.: (11) 5087-3700
paulus.com.br • editorial@paulus.com.br
ISBN 978-85-349-6557-6

Introdução

Como surgiu Israel? Se você já tentou ler a Bíblia do começo ao fim, conhece a resposta que as Sagradas Escrituras dão à pergunta. Os textos falam de uma origem dos israelitas com Adão e Eva, passando pelos patriarcas e pela descida ao Egito e pela libertação conduzida por Moisés, até entrar na Terra Prometida com Josué. Uma das perguntas mais comuns no trabalho pastoral é: isso de fato aconteceu como é narrado na Bíblia?

Antes de abrir as janelas da historicidade do texto, vale a pena um panorama geral sobre como a própria Bíblia interpreta as origens de Israel, mas, sobretudo, tendo em vista o mundo que registrou esses relatos. Assim, estamos no nível literário e teológico, mas ainda não no histórico.

Encontramos nos primeiros capítulos do Gênesis belos relatos que mostram as origens de vários elementos cósmicos e relativos à humanidade. Há duas narrativas da criação (Gn 1,1-2,3 e Gn 2,4-25) e elas instalam os alicerces para que toda a vida seja lida tendo como critério máximo esse panorama perfeito que nasce de Deus. É como em um jogo de quebra-cabeça, que traz a imagem a ser montada na caixa para servir como guia: encaixar, dia após dia, as peças da existência é muito mais simples olhando para a realidade perfeita que buscamos.

Os relatos criacionais ensinam que Deus teceu o mundo e o ser humano com esmero, como fruto de sua gratuidade e bondade. Ali, encontramos a missão do ser humano no mundo, sua marca de imagem e semelhança, a dimensão do trabalho, da sexualidade, da relação com as coisas criadas, entre tantos outros valores teológicos essenciais para a fé judaica e cristã.

A história se desenrola e, até Gn 11, o livro apresenta como o ser humano limitado espalha a desobediência em todos os níveis da vida, tornando as situações cada vez mais críticas, ao mesmo tempo que vislumbra um projeto muito maior de Deus,

que vai estendendo sua generosidade e sua graça de geração em geração. A partir de Gn 12, acompanhamos a história dos patriarcas e das matriarcas de Israel, que explicam como Deus escolhe Abraão para ser pai de um povo cuja descendência tomará a terra de Canaã, enraizado nas promessas divinas. É a partir dos descendentes de Abraão que se formam as doze tribos de Israel, e a descrição de sua chegada ao Egito e de sua escravidão dão as bases para a narrativa do Êxodo e da tomada de Canaã, levada a cabo por Josué.

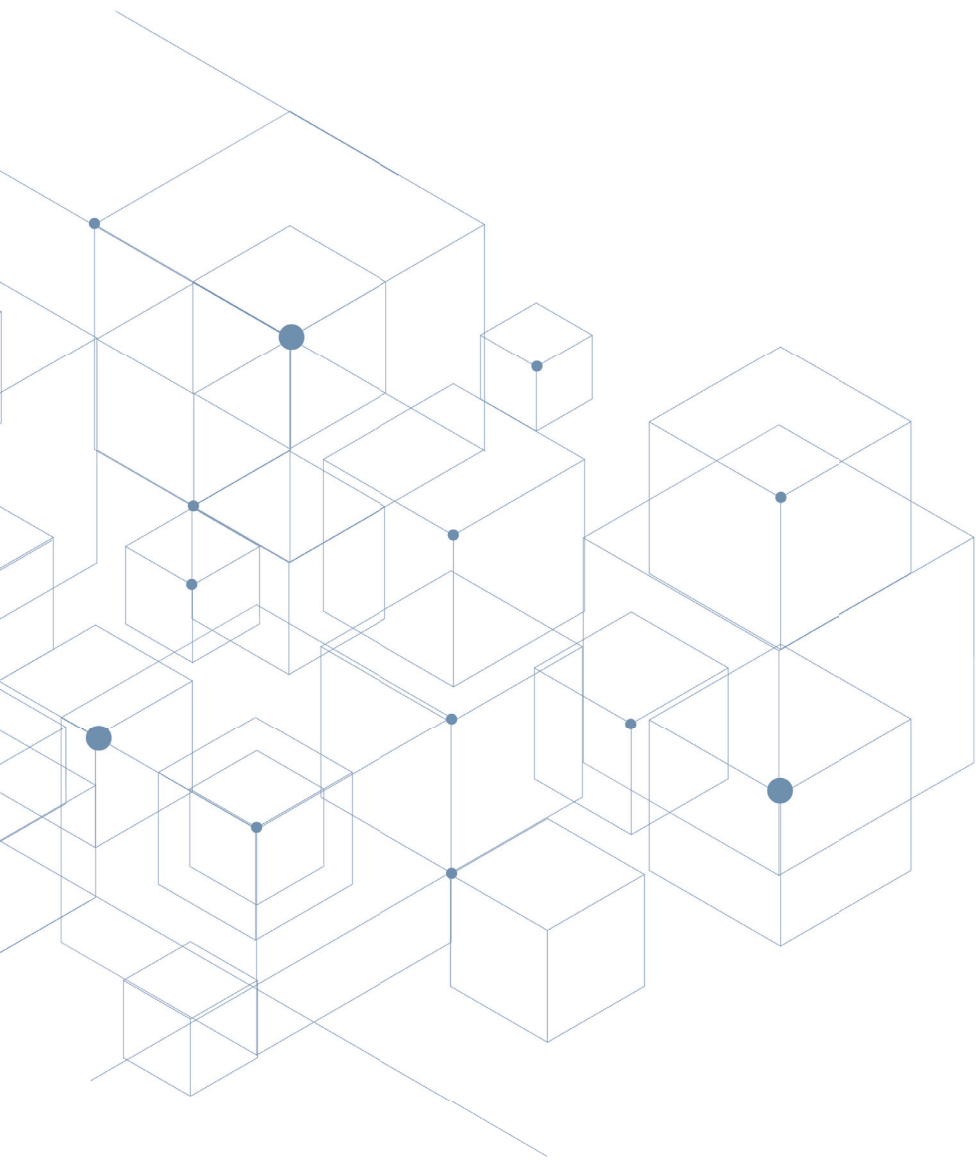
Aqui está a forma com que a Bíblia retrata as origens de Israel. Esses relatos se originam de diversos acontecimentos da vida de Israel e seus vizinhos que foram interpretados pela fé do povo de Deus em diferentes etapas de sua caminhada. Como a escrita em ampla escala surge somente entre os séculos VIII-VI a.C., a transmissão dessas narrativas foi feita, por séculos, de forma oral, sendo conservadas sobretudo nas festas religiosas.

As recontagens foram amadurecendo a forma de entender quem era Deus e isso certamente foi moldando as histórias, que também evoluíram junto com a experiência de fé israelita, até serem consignadas por escrito, em épocas diferentes e por grupos distintos. Os eventos são contados em retrospectiva, projetando nas histórias do passado elementos viscerais do presente. As diferentes redações de um mesmo texto ao longo do tempo também revelam um processo que carrega os valores, os símbolos, os problemas e os contextos de quando os livros são escritos ou revisados, ao mesmo tempo que são acompanhadas e inspiradas por Deus.

Após muitos séculos da origem de Israel, essas distintas interpretações foram unidas e, às vezes, mescladas, não no intuito de construir um livro de história aos moldes de hoje, mas para mostrar que, na origem e no passado de Israel, há a presença de um Deus que caminha junto com seu povo, revelando sua face e propondo à humanidade a salvação.

Nesse sentido, a Bíblia segue a forma típica de se escrever história em seu tempo, desvinculada da obrigação de narrar de

forma precisa e objetiva os acontecimentos. Do contrário, os textos representam uma leitura de diversos eventos históricos muito mais livre, que busca enxergar em todos eles a ação de Deus e interpretá-los não como recordação exata do passado, mas como uma mensagem profunda, religiosa, para o presente. Os textos bíblicos são, por sua natureza, catequéticos e têm a função específica de ensinar sobre Deus, não desprezando a história, mas interpretando-a de maneira aberta e inspirada, sempre com um olhar teológico.





1

A formação de Israel e a ocupação da Palestina

Como as pesquisas arqueológicas e históricas mais atuais retratam a origem de Israel? Começamos essa discussão recordando que o nome Israel é bem posterior aos períodos remotos desse território. Na Antiguidade, os egípcios nomeavam de *Retenu* toda a região do litoral do Mediterrâneo na Palestina; em textos posteriores do Egito e da cidade de Ugarit, aparece *Terra de Canaã*, abrangendo também a Fenícia. *Palestina* era como se designava o território dos filisteus, aplicado a Canaã no período romano (século II a.C.).

A região era valorizada pois funcionava como rota de passagem para quem circulava entre o Egito e a Mesopotâmia. Essas duas localidades eram muito importantes na Antiguidade, pois tinham grandes rios, fundamentais para a sobrevivência em ambiente tão desértico: o Nilo, no mundo egípcio, e o Tigre e o Eufrates, na região mesopotâmica. Unindo-os ao diminuto Jordão em Israel, formavam geograficamente uma meia-lua irrigada, conhecida como Crescente Fértil.

Não havia em Canaã um grande reino. Além dos viajantes, o território abrigava somente uma pequena população nômade de origem indo-europeia. Assim, algumas potências antigas dominaram a região: os hicsos, vindos do norte, tomaram parte do território e estenderam ali seu poderio entre 1750-1580 a.C., chegando até o Egito, pois dominavam a fundição de metais com os quais elaboravam armaduras e revestimentos para rodas dos carros de guerra.

Nas planícies, foram se formando estruturas mais sofisticadas de habitação, pois a topografia mais plana e a fertilidade do solo favorecia o plantio e, conseqüentemente, a formação de cidades. Além do mais, na planície passava uma grande rota que margeava a costa do mar Mediterrâneo, ligando Síria e Canaã ao Egito, favorecendo o comércio. As cidades nas montanhas eram raras, pois não havia tecnologia para plantar ou armazenar água nesses lugares. São raras as cidades que se desenvolvem na grande cordilheira que percorria Canaã de norte a sul: Hazor (no norte), Siquém (no centro) e Jerusalém (no sul) são raras exceções. Aliás, a geografia acidentada e a falta de condições naturais para portos no litoral dificultaram a organização de um reino cananeu unificado.

Foram encontrados tabletas de argila no Egito, em Tell el-Amarna, datados do século XIV a.C., que configuravam correspondências entre os chefes locais de Canaã e os governantes egípcios, e continham nomes semitas, hurritas e indo-europeus, mostrando a pluralidade dos habitantes que povoaram a região. A Bíblia guarda essa lembrança ao retratar Canaã como o lugar “dos cananeus, dos heteus, dos amorreus, dos ferezeus, dos heveus e dos jebuseus” (Ex 3,8.17; Nm 13,29; Ez 16,3.45). Esses povos em geral não são retratados em outros textos, dificultando sua identificação.

Além dos habitantes das cidades, havia também grupos humanos transumantes, seminômades, que migravam sazonalmente em busca de melhores lugares, circulando por regiões de pasto com seu gado, especialmente as estepes, zonas de gramíneas localizadas na transição dos desertos para a terra fértil. Esses

grupos tinham uma experiência religiosa própria, assim como os camponeses cananeus, os quais dependiam da fertilidade do solo e das chuvas, o que favorecia o culto às divindades como Baal, divindade dos fenômenos climáticos e da fertilidade do campo. O panteão dos cananeus era bastante diversificado.

Os egípcios conseguiram expulsar os hicsos de seu território durante o Império Novo (1580-950 a.C.) e começaram campanhas militares expansionistas. O faraó Tutmoses III (1412-1402 a.C.) dominou sobre a região da Palestina, e cidades como Gaza, Megido e Bete-Seã funcionaram como suas bases militares, de onde controlava o espaço com força bélica, ainda que não tivesse ali um exército permanente, além de realizar saques esporádicos e submeter Canaã a tributos.

O MODELO DE URBANIZAÇÃO EM CANAÃ: AS CIDADES-ESTADOS

A forma de vida na Palestina estava à mercê do modelo administrativo imposto pelo *Egito*. O império era sustentado por uma refinada máquina administrativa, que fundava no poder e na força militar o seu domínio. Ministros de Estado estavam ligados ao governo, junto a um exército especializado formado por soldados permanentes, o que demandava alto custo. Os sábios e escribas reais eram responsáveis por propagar a ideologia real a partir de escritos propagandísticos. Os sacerdotes também eram submetidos ao rei e alimentavam uma religião que estivesse a serviço da ideologia imperial, dando interpretação divina às ações reais. Era comum que o culto às divindades populares fosse alimentado pelo governo, construindo-lhes santuários que recebiam o povo e, conseqüentemente, suas doações. Era um mundo de grandes privilégios para o império, que era mantido a partir da exploração da própria população, mas, sobretudo, dos territórios submetidos.

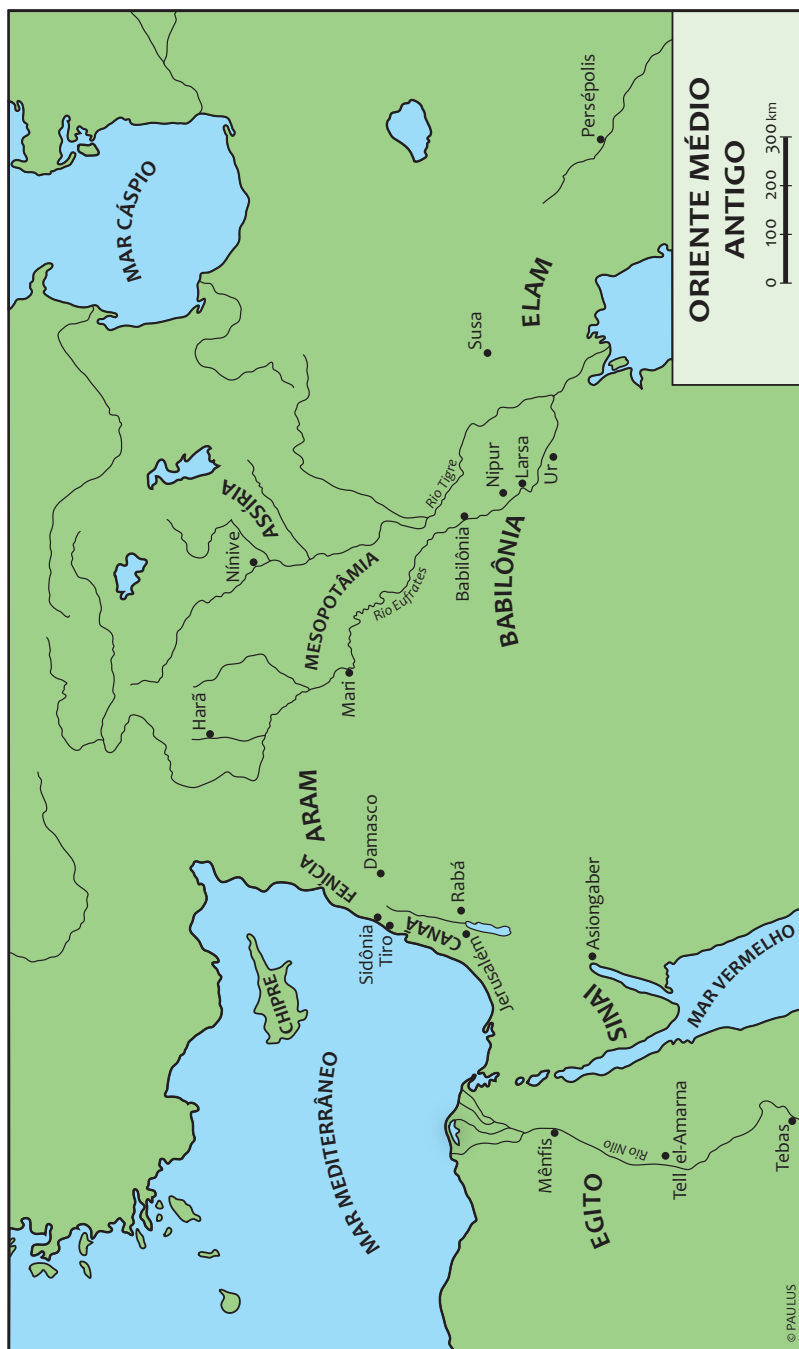
Para facilitar seu controle, um modelo de urbanização típico era o das *cidades-estados*, ou seja, um único núcleo urbano com poder e vida centralizados, controlando o campo em seus arredores. Esse era o formato aplicado em Canaã.

As cidades-estados podiam ser amuralhadas e fortificadas, servindo para a proteção do povo que trabalhava na zona rural durante o dia a fim de fornecer os produtos que mantinham os centros urbanos. Outra fonte de renda eram as taxas alfandegárias, no caso de se localizarem em rotas comerciais. A massa camponesa era pobre e frequentemente se organizava em pequenas aldeias fora dos muros da cidade, dedicando-se à agricultura e pecuária. Com o empobrecimento das cidades, negava-se até mesmo o direito de abrigo noturno ao povo.

O governo era feito por chefes locais conhecidos como *dinastas*, livres durante a dominação dos hicsos, mas considerados vassalos no período egípcio. Os pactos de vassalagem muitas vezes eram feitos jurando fidelidade ao faraó a partir de modelos bastante padronizados, que devem ter sido a base para a elaboração do livro do Deuteronômio como um grande pacto de aliança entre Javé e seu povo. Os egípcios designavam esses líderes locais como “homens de [nome da cidade]”, mas internamente, nas cidades-estados, eram denominados “reis”, como se vê em Js 10.

Após as conquistas de Tutmoses III, a terra passou a pertencer ao faraó, e os dinastas, simples administradores, deviam pagar altos tributos, que consistiam na entrega de um quinto da produção agrícola e no recrutamento dos habitantes para trabalharem nas obras estatais e servindo as necessidades do Egito. Em contrapartida, recebiam proteção militar em caso de ameaças ao território, e as cidades-estados eram urbanizadas e conectadas a uma rota de escoamento de produtos. Era um modelo profundamente vantajoso aos egípcios, muito mais que aos habitantes locais: garantia a exploração econômica, a submissão política, e não favorecia a estruturação de reinos locais.

O Egito entrou em uma crise política significativa durante o governo de Amenófis IV (1364-1347), uma vez que o faraó conduziu reformas políticas centralizadoras fundamentado pela religião, criando descontentamentos e disputas internas. As já citadas cartas de Tell el-Amarna mostram que, nesse período, a baixa presença dos egípcios em Canaã também gerou uma



crise entre as cidades-estados. Esses textos, enviados pelos dinastas, narram a confusão causada pelas constantes invasões de um grupo de resistência chamado de hapiirus. Eles eram muito conhecidos no Antigo Oriente, viviam nas montanhas e desciam para saquear cidades-estados das planícies.

Preocupados com o abandono da região de Canaã, os egípcios enviaram tropas buscando controlar a região durante o governo dos faraós Ramsés II (1290-1224) e Merneptá (1224-1214), segundo vestígios encontrados em Meguido, Tamna, Geser, e também vasculhando o deserto, chegando até o território do Reino de Edom.

ISRAEL: UM POVO FORMADO POR DIFERENTES GRUPOS

Os chamados “povos do mar”, com destaque para os filisteus, chegaram pelo mar Mediterrâneo oriundos da região da Macedônia e se estabeleceram na planície litorânea de Canaã no início da Idade do Ferro I. Controlaram as cidades de Gaza, Geser, Asquelom, Gat e Asdod localizadas na planície de Saron e, ao norte, tomaram Dor e cidades do Vale de Jezreel, sempre por meio de guerras ferozes, derrotando e expulsando os egípcios, hititas e devastando a grande cidade fenícia de Ugarit. Seu estabelecimento nas planícies costeiras e o controle da grande rota comercial que passava por ali, conectando o Egito à Mesopotâmia, fizeram com que o domínio egípcio diminuísse significativamente na região. Dessa forma, foi possível que surgissem na região da Transjordânia pequenos reinos: os de Edom, Moab e Amon.

Períodos históricos da Palestina

Pré-histórico

4300-3200 a.C.	Calcolítico
3200-2900 a.C.	Bronze Antigo I
2900-2700 a.C.	Bronze Antigo II
2700-2300 a.C.	Bronze Antigo III

2300-2100 a.C.	Bronze Antigo IV
2100-1900 a.C.	Bronze Médio I
1900-1600 a.C.	Bronze Médio II
1600-1400 a.C.	Bronze Recente I
1400-1200 a.C.	Bronze Recente II
1200-900 a.C.	Ferro I
900-600 a.C.	Ferro II
600-300 a.C.	Ferro III

Como há raros dados arqueológicos sobre Israel nesse período, é difícil determinar atualmente quando foi o surgimento exato do povo israelita nesse contexto. Um monumento de pedra do fim do século XIII a.C. conhecido como Estela de Merneptá, construído pelo faraó homônimo, traz o nome “Israel” entre algumas tribos dominadas pelo faraó, mas é difícil determinar a quem essa menção se refere.

Uma teoria amplamente acolhida sobre as origens de Israel nos estudos bíblicos é a de Norman Gottwald, continuamente revisada por outros teóricos, a qual passamos a conhecer. Quando o domínio egípcio é diminuído nas cidades-estados cananeias, a instabilidade política se converte no ambiente propício para que grupos escapem do pesado sistema tributário e busquem abrigo nas montanhas, que configuravam um ambiente de difícil acesso para grandes contingentes de exércitos. Podemos reunir esses grupos nas seguintes categorias:

a

Hapiru. O nome designa grupos de bandoleiros presentes em muitas partes do Antigo Oriente. Em Canaã, viviam refugiados nas montanhas e desciam para saquear cidades-estados ou eram contratados temporariamente como grupos armados em contendas locais. Nas montanhas, encontram um espaço pacífico para a vida, ainda que sua situação social seja delicada, pois